



HISTÓRIA E DILACERAMENTO

ALEXANDRE RODRIGUES DA COSTA

*Professor de História da Arte da
Escola Guignard da Universidade
do Estado de Minas Gerais*

VERA CASA NOVA

*Professora da Faculdade de Letras da
Universidade Federal de Minas Gerais*

42

INTRODUÇÃO

Embora contemporâneos, Georges Bataille e Walter Benjamin apresentam similaridades e diferenças de pensamentos. Cada um a seu modo tenta compreender a sociedade e o indivíduo. Bataille, no Colégio de Sociologia, investiga a natureza humana em todos os seus aspectos sintomáticos. Benjamin, por outro lado, no seu projeto das Arcades, almeja analisar, a partir do seu cotidiano, a cidade como uma fotografia das relações humanas e dos objetos circundantes. Assim como seus contemporâneos Roger Callois, René Girard e Karl Einstein, tanto Bataille quanto Benjamin têm uma preocupação marcante: a noção de tempo e sua relação com a história.

O tempo como transformador das relações humanas e da percepção dos objetos que nos cercam é trabalhado por Bataille e Benjamin de uma forma crítica que foge ao senso comum, sobretudo pela visão que altera a linearidade. Prova disso é a forma como se constituem as obras desses dois filósofos. A concepção de ruína parece invadi-las a todo instante, como é o caso da obra *Passagens*, constituída de fragmentos, e a obra de Bataille, constituída de repetições, verbetes que vão configurando um verdadeiro labirinto. Deve-se entrar nesse labirinto como um trapecio (*chiffonnier*) que sabe que vai ficar perdido e sem saída, pois rastros e restos que se encontram não produzem um conhecimento uniforme e homogêneo, mas heterogêneo, capaz de colocar em questão a realidade histórica.

Para Bataille, a história surge como contratempo, no sentido de que o não saber se constitui como forma de rever o passado através das contradições que constituem o presente. O interesse de Bataille pela história pode ser observado pela análise que faz do julgamento de Gilles de Rais. No julgamento desse assassino, Bataille vê a importância da questão da soberania e da violência. Em um primeiro momento, a soberania não pode ser vista em seu valor individual, uma vez que ela é um anticonceito. Ela é o esfacelamento da noção de sujeito, da razão como sustentáculo da identidade. A preocupação de Bataille sobre a violência o levou a ver em Gilles de Rais elementos que estão de acordo com a noção de despesa – teoria que ele desenvolve em *A parte maldita*.

De Rais, figura que vive na transição da sociedade feudal para a sociedade capitalista, e educado para ser guerreiro, utiliza-se do poder de sua nobreza para práticas nas quais chacinava crianças e seus empregados. O que interessa a Bataille na figura de De Rais é a contradição que ele representa nesse momento histórico, pois essa figura vive em uma era voltada para a acumulação de riqueza, enquanto ele mesmo, não se subordinando a esse costume, volta-se para o dispêndio em seus rituais. De Rais é a parte oculta, aquilo que os economistas tendem a desprezar, mas que atrai o olhar de Bataille, pois para este o que realmente sustenta a economia, assim como a história, estaria não na acumulação de riquezas, mas no desperdício, o que foge a todo o pensamento racional: “não basta que as joias sejam belas e deslumbrantes, o que tornaria possível a substituição pelas falsas: o sacrifício de uma fortuna, à qual se preferiu um rio de diamantes, é necessário para a constituição do caráter fascinante desse rio”. (BATAILLE, 1975, p. 30) O desperdício seria a dilaceração, aquilo que abre a vida à luz dos excessos. Todos os fatos, até os mais insignificantes, se exaurem, ao romper com os limites destinados a cercear as atividades humanas. É nessa exaustão, nesse gasto desnecessário, que a existência se torna insubordinada, inútil e infinita.

43

TEMPO E RUÍNA

A dinâmica do pensamento de Benjamin se orienta a contrapelo de uma história oficial, cronológica, e se realiza através do fragmento. Em suas teses, o tempo é suspenso. O conceito de imagem dialética é central em todo o seu discurso, ela é “um relâmpago que atravessa o horizonte do passado”. O conhecimento histórico só é possível no momento histórico. Mas esse conhecimento é sempre conhecimento de um momento.

De acordo com Benjamin, o historiador deve constituir uma experiência com o passado. Em *Experiência e pobreza, O narrador, Sobre Baudelaire, Sobre o conceito da história e O anjo da história*, Benjamin coloca o tempo em uma relação crítica con-

sigo mesmo. Não existe momento privilegiado, pois o tempo é ruína de si mesmo. O que definimos como marco temporal – o presente – nada mais é que uma ilusão construída como uma tentativa de dar ordem ao tempo, de submetê-lo às paixões humanas.

Uma das grandes dificuldades de abordagem do tempo em Benjamin é encontrar pontos de apoio para definir seu conceito de tempo. Existe um conceito de tempo em Benjamin? “Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele (o anjo) vê uma catástrofe única que acumula incansavelmente ruína sobre ruína”. Estaria Benjamin ecoando o narrador de *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski, para o qual não existe utopia, já que a noção de progresso se sustentaria a partir do sofrimento e da destruição?

O *angelus* é impelido irresistivelmente para o futuro, ao qual ele dá as costas, enquanto amontoado de ruínas que diante dele cresce até o céu. É o que se chama progresso. Esse “amontoado de ruínas” é o obelisco sobre o qual Bataille se debruça em seu artigo *L’Obelisque*. É bom lembrar que esse obelisco já é uma ruína pelo fato de ter sido retirado de seu local de origem – o Egito –, mas é interessante observar que ele se torna ruína de uma ruína. É o que Bataille chamaria de reversão dos signos. Embora o obelisco, em um primeiro momento, tivesse sido concebido como uma forma de estabelecer limites do tempo e do espaço, na análise de Bataille ele não se cumpre como contingência dessa permanência, mas como um vazio que é ameaçado pela instabilidade. Em Benjamin, a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas o preenchido de tempo do agora. Em Bataille, a reversão do signo é uma interpretação dos objetos que são aprisionados pela mobilidade de tempo. O obelisco, sendo ruína de ruína, não se apresenta mais como a guilhotina. Ele torna-se, assim, vazio, uma vez que, conforme Bataille, o tempo age como uma força centrífuga, excluindo esse objeto como memória coletiva:

44

Os lentos e obscuros movimentos da história tomam lugar aqui no coração e não na periferia do ser, eles representam a inexplicável luta de deus contra o tempo, o combate da soberania estabelecida contra a destrutiva e criativa loucura das coisas. Assim a história interminavelmente repete a resposta da pedra imutável ao mundo do rio e do fogo de Heráclito. (BATAILLE, 1970, p. 505)

Em Benjamin, história e memória vão de mãos dadas com a exploração do passado. A palavra chave, aqui, parece ser escavação: “quem procura aproximar-se do seu próprio passado soterrado tem de se comportar como um homem que escava”. (BENJAMIN, 2004, p. 219) Aqui, devemos nos lembrar do caráter épico e rapsódico de memória (da recordação). Benjamin se aproxima de uma

vertente arqueológica da história, ou ainda, do que se pode chamar destruição e violência. Recuperar a memória, tentar salvar do esquecimento as ruínas e os escombros. Assim é que catástrofe, crise, decadência, fragmentos e ruínas vão traçar o rosto da modernidade. Em *Sobre o conceito de história*, pode-se notar que a expressão “escovar a história a contra-pelo”, que define a tarefa do historiador materialista, é um dos eixos do pensamento benjaminiano.

O olhar de Benjamin se volta para o passado como exigência da memória e da justiça. Dessa forma, é preciso elaborar um luto profundo, salvar os mortos do esquecimento. O pensamento de Benjamin surge das sombras (entre a cultura e a barbárie), mas ilumina conceitos como o de dialética, imagem crítica, materialismo histórico e progresso. Tais noções ficam evidentes no anúncio da revista *Angelus Novus*: “a verdadeira destinação de uma revista é a de anunciar a expressão de sua época”. (BENJAMIN, 2012, p. 41)

Teria Bataille, em *Documents*, articulado uma concepção de história de maneira similar à de Benjamin? Em Bataille, observamos a história se tornar obliterada, ou seja, o tempo que se inscreve em sua obra se move contra a história oficial. Uma das chaves de interpretação da história passaria por um novo entendimento da antropologia. Trata-se de uma história orgânica, no sentido de que a civilização não obedece a um centro organizador, mas se rearticulária a partir daquele que a observa. Daí a revista *Documents* se fundamentar em extratos visuais, a partir dos quais o antropomorfismo é recusado em prol da desorganização material e da heterogenia:

Documents não ilustra um conhecimento, ela crítica, ao contrário, todo valor axiomático, ela o constitui como dilapidado, porque ela se opõe à singularidade, à exceção, à regra cujo conhecimento seria colocado à prova pela exigência substancial de reencontrar a insubordinação material de seus próprios objetos. (DIDI-HUBERMAN, 1995, p. 38)

Se, de acordo com o verbete *Informe*, o universo se assemelha a uma aranha ou a um cuspe, a história também seria informe, sem etapas privilegiadas, não pensada sob a forma teleológica, mas aberta, cega e sempre possibilitando a desconstrução. Conceber a história como um corpo cego é romper com a uniformidade, ou seja, instituir a heterogeneidade, em contraste com a continuidade, perseguida pelo discurso como ideal. A história é, assim, pensada como uma produtividade destrutiva, não no sentido do a se fazer, mas como infirmitade que faz escapar o sentido.

Para Bataille, o tempo não privilegia um determinado momento específico, pois ele é o próprio incognoscível, “aquilo viveríamos se não nos esforçássemos em evitá-lo com falsas aparências de conhecimento”. (BATAILLE, 1992,

p. 146) A história, nessa concepção, não pode ser fixada no e pelo tempo, uma vez que ela se move, indefinida, pelo “gasto” de sentidos.

O uso somente funciona em um espaço dominado pela categoria de significado – significado formulado. O que Bataille chama trabalho é de uma ordem diferente, um tom diferente. Ele indica todo aquele processo de repulsa ou sedução erguido pela palavra independente de seu significado. (HOLLIER, 1993, p. 64)

Documents é, portanto, uma revista de insubordinação que busca criar um vazio em torno dos significados sacralizados para destruí-los. Trata-se, sobretudo, de transgredir todos os conceitos, inclusive o da história. Nesse sentido, poderíamos arriscar a dizer que, para Bataille, a história é pensada em termos de cissiparidade, ou seja, múltiplas segmentações que, ao se espelharem, deformam umas às outras, de tal maneira que a repetição corrompe, como o câncer, as semelhanças e as simetrias. Daí o rompimento com a origem e o fim. Morte e vida se tornam assim indiferenciadas.

46

O agora benjaminiano, no entanto, se encontra sob outra forma. Segundo Benjamin, a perspectiva do infinito é aterrorizante: “Quando dois espelhos se refletem, Satanás prega sua peça preferida, abrindo aqui à sua maneira (como seu parceiro faz dos olhares dos amantes) a perspectiva do infinito”. (BENJAMIN, 2006, p. 580) A história deve se cumprir em um fim contestando a dialética. Para Bataille, não existe uma visão negativa do infinito, da repetição. A história é um labirinto. Seu dentro e seu fora se confundem. Estamos sempre no mesmo lugar e em um lugar diferente. O labirinto sem saída, para Benjamin, seria a angústia, o sentimento do beco sem saída, no qual ele se consumiu. Angústia ou prazer. Dessa forma, o labirinto seria sinônimo de angústia, de espaço de insegurança, de desorientação para Benjamin, enquanto que para Bataille os passos dentro do labirinto se tornariam dança. Uma dança dionisíaca que é composta de embriaguez, capaz de fazer do vazio a contestação das formas.

Vazio que para Benjamin é preenchido pelos restos e rastros da história – o inferno do mundo moderno –, uma vez que o agora se constitui sempre do mesmo. Se há algum traço que seja comum aos dois pensadores, talvez seja o olhar que lançam para a anedota, que pode ser tanto o *nonsense* – o que Bataille privilegia como antídoto contra o pensamento racional; e, para Benjamin, a insurreição contra as construções da história oficial, já que a anedota afirma o agora. ─

BATAILLE, Georges. *A experiência anterior*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

_____. *A parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *Oeuvres complètes I*. Paris: Gallimard, 1970.

BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

_____. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *La ressemblance informe: ou le Gai Savoir-visuel selon Georges Bataille*. Paris: Macula, 1995.

HOLLIER, Denis. *La prise de la corde*. Paris: Gallimard, 1993.